



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Outubro / Novembro 2008

NOSSA SENHORA, MÃE DO SANTO ROSÁRIO

ORIGEM, SIGNIFICADO E EFICÁCIA DO ROSÁRIO:

“Como Mãe de Jesus Cristo, a Virgem Maria é digna de todo louvor. E por isso os cristãos, desde os primeiros tempos, já a saudavam com as palavras do Anjo: "Ave, cheia de graça. O Senhor é convosco".

A estas palavras conjugavam-se as de Santa Isabel (mãe de São João Batista, precursor do Messias), quando Maria, sua prima, a foi visitar. Conhecendo, por revelação sobrenatural, que esta seria a Mãe de Deus, Santa Isabel saudou-a dizendo: "Bendita sois Vós entre as mulheres, e bendito é o fruto de vosso ventre".

Oportunamente a Igreja introduziu as palavras "Jesus" depois de "vosso ventre", e "Maria" depois do "Ave" inicial.

No século XII, o uso desta primeira parte da Ave-Maria tornou-se freqüente, e no século seguinte, várias Ordens religiosas a prescreveram aos seus membros.

No século XIV, começou a ser acrescentada a súplica: "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém".

Em 1568, o Papa São Pio V oficializou este acréscimo quando, ao promulgar o Breviário Romano (conjunto de orações e leituras a serem recitadas diariamente pelos sacerdotes), mandou que depois do Pai-Nosso, no início de cada hora do Ofício divino, se rezasse também a Ave-Maria".

ASAUDAÇÃO ANGÉLICA:

“Como as palavras do Anjo Gabriel constituem o núcleo inicial a partir do qual se aglutinaram os diversos elementos que formam a Ave-Maria, esta é chamada a saudação angélica”.

RENOVAÇÃO DA ALEGRIA DA ANUNCIACÃO:

“A Ave-Maria é a saudação por excelência à Virgem Santíssima, o louvor mais perfeito que podemos dirigir a Ela, pois é formada com as palavras que o próprio Deus inspirou ao seu mensageiro, o Anjo Gabriel. Maria exultou de alegria diante da boa nova da chegada do Redentor, que o Anjo lhe anunciara. Assim, os cristãos acreditavam que, a cada Ave-Maria que repetissem, a Virgem Santíssima sentiria como que um eco dessa alegria. E associando-se a esse júbilo, compraziam-se em multiplicar as Ave-Marias.

Essa saudação a Maria era habitualmente acompanhada de uma genuflexão, para melhor exprimir o significado da palavra Ave, que quer dizer: eu vos saúdo. Conta-se, por exemplo, de São Luís, rei da França de 1226 a 1270, que ele tinha o costume de

rezar todos os dias 50 Ave-Marias, ajoelhando-se e levantando-se a cada Ave-Maria, pronunciada lentamente”.



A CONSTITUIÇÃO DO ROSÁRIO:

“Com o passar do tempo, fixou-se o costume de rezar um total de 150 Ave-Marias. Este número corresponde ao de Salmos (poemas religiosos compostos, na maior parte, pelo Rei David). E como o conjunto dos 150 Salmos se chama Saltério, por analogia deu-se às 150 Ave-Marias assim rezadas o nome de Saltério de Maria.

Às Ave-Marias se juntou o Pai-Nosso, a oração perfeita que Jesus Cristo ensinou aos seus discípulos. E, mais tarde, também o Glória-ao-Pai, uma doxologia (fórmula de louvor) à Santíssima Trindade: "Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo, assim como era no princípio agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém".

Para melhor disposição do conjunto, as 150 Ave-Marias foram divididas em 15 dezenas, precedida cada dezena de um Pai-Nosso e seguida de um Glória-ao-Pai.

Para facilitar a contagem das dezenas de Ave-Marias, utilizam-se sementes de certas plantas ou grãos (chamados contas) feitos de madeira, metal, pedra, ou outro material, enfiados regularmente num cordão ou articulados com arame. Um crucifixo, para lembrar a Cruz onde Nosso Senhor Jesus Cristo foi morto para a Redenção dos homens, dá acabamento ao piedoso instrumento.

Tal é a devoção que a piedade católica denominou de Rosário (nome que, por extensão, se aplica também ao instrumento - que acaba de ser descrito - como que se

contam as Ave-Marias).

Ao iniciar a recitação do Rosário, reza-se o Credo (resumo dos principais artigos da Fé católica) segurando devotamente a cruz”.

POR QUE SE CHAMA ROSÁRIO?

“O nome Rosário vem, como é evidente, de rosa. Em latim medieval, quer dizer jardim de rosas. E a Virgem Maria é chamada, em certos poemas medievais, jardim de rosas. No Rosário, as Ave-Marias, são concebidas como rosas espirituais que o fiel apresenta à Santíssima Virgem, tecendo desse modo, em sua honra, uma coroa simbólica de rosas, ou um pequeno chapéu de rosas (daí os termos corona em italiano e chapelet em francês, para designar a terça parte do Rosário; esta terça parte, em português, chama-se Terço, nome pelo qual é habitualmente designada, nos países em que se fala essa língua, a devoção do Rosário)”.

EM HORA DECISIVA DA CRISTANDADE, O ROSÁRIO OBTÉM MIRACULOSA VITÓRIA EM LEPANTO: ORIGEM DA DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

“Na segunda metade do século XVI, o império turco, muçulmano, movido pelo ódio contra a Fé católica e pela sanha de novas conquistas territoriais, ameaçava perigosamente a Cristandade européia.

Essa investida encontrou oposição firme e eficaz no varão impávido que então ocupava o trono pontifício: São Pio V.

Por meio de uma atividade diplomática tenaz, esse grande Papa conseguiu, depois de muitos esforços, a formação de uma frota de cerca de duzentas galeras, fornecidas pelos reinos da Espanha e Nápoles-Sicília, pelos estados de Veneza e Gênova, bem como pela Ordem de Malta e os próprios Estados Pontifícios. Animada pela promessa de vitória que augurara o Papa, a frota partiu confiante para o lugar do confronto. Este se deu no dia 7 de outubro de 1571, próximo ao porto de Lepanto, na entrada do golfo Corinto.

Apesar da inferioridade numérica e de um início de batalha gravemente desvantajoso, a situação por fim reverteu em favor da frota católica, graças a uma espetacular intervenção de Nossa Senhora, que apareceu nos céus inculindo pavor nos muçulmanos.

No preciso momento em que isto se dava, São Pio V teve uma revelação: interrompendo o trabalho com um de seus auxiliares, dirigiu-se a uma janela e olhando para o céu, anunciou o desfecho favorável da batalha.

Duas semana depois, um correio chegava a

Roma com a notícia da vitória, mais uma prova da eficácia do Rosário.

Em comemoração desse extraordinário feito, São Pio V instituiu a festa de Nossa Senhora da Vitória, a ser celebrada todos os anos, no primeiro sábado de outubro (dia da semana em que se deu a batalha de Lepanto); e mandou inserir na ladainha lauretana a invocação: “*Auxílio dos cristãos, rogai por nós*”.

Em 1573, o Papa Gregório XIII mudou o nome da festa para o de Nossa Senhora do Rosário, o que é suficiente para indicar o papel desta devoção na vitória alcançada. Em 1716, o Papa Clemente XI estendeu essa festa a toda a Igreja ocidental. No dia 5 de agosto desse ano, os turcos mulçumanos havia sido derrotados, mais uma vez na Hungria.

Finalmente, no início deste século, o grande Pontífice São Pio X fixou a festa de Nossa Senhora do Rosário para o dia 7 de outubro”.

LOURDES E FÁTIMA: O ROSÁRIO, ARMA ESPECÍFICA PARA AS NECESSIDADES ATUAIS DA IGREJA E DACRISTANDE:

“O Rosário se revela assim como o remédio específico e, neste sentido, uma arma, enquanto todo remédio combate a doença contra a qual é aplicado – para todas as necessidades, grandes e pequenas, da Igreja e da Crístandade.

Nestes últimos tempos, em que o ímpeto das forças do mal vai aumentando aceleradamente, em contraposição, por designio de Deus, assume também cada vez maior amplitude o papel de Nossa Senhora no plano divino de salvação dos homens.

Com efeito, à medida que as trevas foram tomando conta do mundo, Nossa Senhora fez surgir, já desde o século passado, uma luz de salvação que, a princípio tênue, foi crescendo, e irá crescendo, até atingir o máximo fulgor e magnificência, e iluminar toda a terra.

Pode-se fixar em 1830 o início do ciclo das grandes aparições da Santíssima Virgem, que são outros tantos marcos de sua intervenção maravilhosa nos acontecimentos humanos.

Nossa Senhora, apareceu neste ano a Santa Catarina Labouré, revelando-lhe a Medalha Milagrosa.

Em 1846, Nossa Senhora apareceu a dois pastores, um menino e uma menina, em La Salette (França).

A mais célebre aparição do século XIX é a de Lourdes, no sul da França, em que Nossa Senhora se mostrou a Santa Bernadete, em 1858. A Virgem Santíssima desfiava as contas do terço, à medida que a jovem Bernadete o rezava.

Em 1917 em Fátima (Portugal), Nossa Senhora aparece a três crianças: Francisco, Lúcia e Jacinta. Nossa Senhora aí descreve a situação extremamente grave em que se encontra a humanidade de nosso século, afastada de Deus e da Igreja, de seus mandamentos e de sua moral. Essa situação de pecado está a merecer pesados castigos do Céu, se os homens não se emendarem. Como remédio, a Mãe de Deus oferece a devoção ao seu Coração Imaculado, e principalmente o Rosário, que salvará a

humanidade e evitará os tremendos castigos que estão preparados.

Depois da consumação dos castigos anunciados em Fátima, cumprir-se-á também a maravilhosa promessa feita por Nossa Senhora: “*Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará*”.

Para que isto aconteça, Nossa Senhora recomendou a reza diária do Terço nas seis vezes que apareceu em Fátima.

É esta, sem dúvida, a maior consagração do Rosário, especialmente para o nosso século. Nossa Senhora indicou de modo categórico o Rosário como meio de salvação. Cabe-nos usar este instrumento de salvação, e propagá-lo em torno de nós, por todos os meios legítimos”.

PELA ORAÇÃO, O HOMEM OBTÉM DE DEUS TUDO QUE PEDE:

“A oração é uma elevação da alma a Deus para adorá-Lo, dar-lhe graças pelos benefícios recebidos, alcançar o perdão dos pecados (este é o valor satisfatório da oração) e pedir-lhe tudo mais quanto seja necessário ou útil, para nós ou para o próximo.

A oração tem um valor meritório, isto é, ela nos torna dignos de uma recompensa, por parte de Deus.

Pela oração, devido à misericórdia infinita de Deus e às promessas de Jesus Cristo, o homem obtém muito mais do que estritamente mereceria. Com efeito, em várias oportunidades Jesus Cristo afirmou que o homem obteria tudo que pedisse na oração: “*Pedi e recebereis; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á: porque todo aquele que pede recebe, o que busca acha, e ao que bate ser-lhe-á aberto*” (Mt. 7,7-8).

Essas promessas não poderiam ser mais solenes e categóricas. Em virtude delas, a oração obtém infalivelmente tudo que pede”. É necessário, porém, que a oração seja feita nas devidas condições, isto é:

- a) com humildade, pois, como diz o Apóstolo São Tiago: “Deus resiste aos soberbos; aos humildes, porém, dá a sua graça” (Jc 4,6);*
- b) com firme confiança: “Peça-a com fé, sem nenhuma vacilação, pois aquele que vacila é semelhante à onda do mar, que é agitada e levada de uma parte para a outra pelo vento. Não pense, pois, tal homem que receberá do Senhor alguma coisa” (Jc 1,6);*
- c) com perseverança: “É preciso orar sempre e não cessar de o fazer” (Lc 18,1).*

ORAÇÃO MENTAL E ORAÇÃO VOCAL:

“Há duas espécies de oração: a oração mental, pela qual conversamos com Deus no interior de nossa alma, ou meditamos as verdades eternas, que como o nome diz, se faz com a voz, porém não dispensa a atenção da mente e a devoção do coração.

O Rosário reúne em si as vantagens dos dois tipos de oração, vocal e mental, e daí provém uma de suas excelências”.

AS INDULGÊNCIAS ANEXAS AO ROSÁRIO:

“A recitação do Rosário está enriquecida com preciosas indulgências: indulgência plenária, se é feita em igreja ou oratório público, ou em família, comunidade religiosa ou pia associação; indulgência parcial, nas outras circunstâncias.

Para a indulgência plenária, basta rezar a terça parte do Rosário (Terço), mas as cinco

dezenas devem ser recitadas sem interrupção. E a oração vocal deve acrescentar-se a pia meditação dos Mistérios.

O fiel que usa devotamente um objeto de piedade (cruz ou crucifixo, terço, escapulário, medalha), devidamente bento por um sacerdote, pode ganhar uma indulgência parcial.

Cumprir notar o destaque que a Igreja dá ao Terço rezado em família: uma indulgência plenária para todos aqueles que dele participam.

O Rosário em família é muito agradável a Nossa Senhora. É a propósito dele que o Pe. Peyton criou a fórmula, consagrada pelo Papa Pio XII: “*A família que reza unida permanece unida*”.

O Rosário favorece, pois, a união da família, bem sumamente precioso, mais ainda em nossos dias, em que a família é ameaçada por tantos fatores de dissolução, como a educação ímpia dada em tantas escolas, os espetáculos imorais que invadem até o recesso do lar, a licenciosidade dos costumes que se generaliza etc. Contra tudo isto, o Rosário em família é o antídoto específico.

Com efeito, o Rosário é um dos meios mais excelentes para obtermos de Deus, por meio de Nossa Senhora, todas as virtudes e extirparmos todos os vícios”.

O ROSÁRIO FORTALECE A FÉ E FAZ DESABROCHAR AS FLORES DE TODAS AS VIRTUDES:

“O papel do Rosário na aquisição das virtudes é bem descrito por Leão XIII, o célebre Pontífice Romano que promoveu muito essa devoção e até instituiu o mês de outubro como mês especialmente consagrado ao Rosário. Diz ele num de seus numerosos documentos dedicados ao tema: “*O Rosário produz outro fruto insigne, muito adequado às necessidades dos nossos tempos. É que, numa época na qual a virtude da fé em Deus está todos os dias exposta a tão graves perigos e assaltos, o cristão acha no Rosário meios abundantes para alimentá-la e fortalecê-la....Na verdade, Cristo ocupa, na instituição do Rosário, o lugar de proeminência que lhe compete. De fato, é a sua vida que nós contemplamos na meditação: a vida privada, nos mistérios gozosos; a vida pública, em meio a imensos trabalhos e a padecimentos mortais; a vida gloriosa, enfim, que da sua triunfal ressurreição chega até à eternidade, onde está sentado à direita do Pai. E como a fé, para ser plena e irrepreensível, deve se mostrar exteriormente, “pois se crê com o coração para a justificação, mas se confessa a fé com a boca para a salvação” (Rom 10,10), no Rosário achamos também excelente meio para professarmos a nossa fé. Realmente, com as orações vocais de que ele se tece, podemos exprimir a nossa fé em Deus, nosso Pai providentíssimo, na vida do século futuro, na remissão dos pecados; confessamos ainda nossa fé nos mistérios da augusta Trindade, do Verbo encarnado, da maternidade divina, e em outras verdades ainda. Ora ninguém ignora quanto é grande o valor e o mérito da fé: semente seletíssima que hoje faz desabrochar as flores de todas as virtudes*

que nos tornam agradáveis a Deus, e mais tarde produzirá frutos que durarão eternamente” (Carta Encíclica Fidentem piumque, de 20 de setembro de 1896). Portanto, o Rosário é um excelente meio de santificação individual, como o é de preservação familiar e restauração social”.

PODER DO ROSÁRIO NA LUTA CONTRA O DEMÔNIO:

“Possuído de um ódio eterno, o demônio nada mais deseja do que causar toda espécie de prejuízos à glória de Deus e levar quantas almas puder para o Inferno. E tendo ele perdido o Céu para sempre, deseja que todos sejam eternamente infelizes com ele.

Por isso, ele tenta continuamente os homens, procurando arrastá-los ao pecado. Já foi assim com Adão e Eva no Paraíso, e será assim com todos os homens - salvo privilégio especialíssimo de Deus, como o de Maria Santíssima - até o fim do mundo.

Na luta contra o demônio, o homem conta com o auxílio da graça que Deus lhe dá, e com protetores especiais, como a Santíssima Virgem, os Anjos da Guarda e os Santos.

Nesta luta, o papel de Nossa Senhora é preeminente. Ela é chamada Terror dos Demônios. Na mais célebre de suas obras, o Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem, São Luís Grignon de Montfort explica por quê: “Uma única inimizade Deus promoveu e estabeleceu, inimizade irreconciliável, que não só há de durar, mas aumentar até o fim: a inimizade entre Maria, sua digna Mãe, e o demônio; entre os filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e sequazes de Lúcifer; de modo que Maria é a mais terrível inimiga que Deus armou contra o demônio. Ele lhe deu até, desde o paraíso, tanto ódio a esse amaldiçoado inimigo de Deus, tanta clarividência para descobrir a malícia dessa velha serpente, tanta força para vencer, esmagar e aniquilar esse ímpio orgulhoso, que o temor que Maria inspira ao demônio é maior que o que lhe inspiram todos os anjos e homens e, em certo sentido, o próprio Deus. Não que a ira, o ódio, o poder de Deus não seja infinitamente maiores que aos da Santíssima Virgem, pois as perfeições de Maria são limitadas, mas, em primeiro lugar, Satanás, porque é orgulhoso, sofre incomparavelmente mais, por ser vencido e punido pela pequena e humilde escrava de Deus, cuja humildade o humilha mais que o poder divino; segundo, porque Deus concedeu a Maria tão grande poder sobre os demônios, que, como muitas vezes se viram obrigados a confessar, pela boca dos possessos, infunde-lhes mais temor um só de seus suspiros por uma alma, que as orações de todos os santos; e uma só de suas ameaças que todos os outros tormentos”.

Para obter a intercessão de Nossa Senhora em nosso favor, na luta contra os demônios, não há devoção mais indicada do que o Rosário: “Armai-vos pois com as armas de Deus, armai-vos do Rosário” - diz São Luís Grignon de Montfort - e esmagareis a cabeça do demônio, e permanecereis estáveis contra toda as suas tentações. Daí vem que o Rosário,

mesmo o instrumento material, seja tão terrível para o diabo, e que os Santos se tenham servido dele para encadear o demônio e expulsá-lo do corpo dos possessos”.

RESUMO DAS VIRTUDES, BENEFÍCIOS E MÉRITOS DO ROSÁRIO:

Todas estas virtudes, benefícios e méritos do santo Rosário podem assim ser resumidas:

- 1°) O Rosário eleva-nos insensivelmente ao conhecimento perfeito de Jesus Cristo;
- 2°) Purifica nossas almas do pecado;
- 3°) Torna-nos vitoriosos sobre todos os nossos inimigos;
- 4°) Torna-nos fácil a prática das virtudes;
- 5°) Abrasa-nos do amor de Jesus Cristo;
- 6°) Enriquece-nos de graças e de méritos;
- 7°) Fornece-nos com que pagar nossas dívidas para com Deus e para com os homens;
- 8°) Enfim, faz-nos obter de Deus toda espécie de graças.

(São Luís Maria Grignon de Montfort)

O ROSÁRIO DEVE SER REZADO DE MODO DIGNO, COM ATENÇÃO E DEVOÇÃO:

“Para retirar do Rosário toda a sua eficácia impetratória e santificadora, é evidente que não basta rezá-lo de maneira mecânica e distraída”, escreve o renomado teólogo contemporâneo, Pe. Antonio Rovo Marin: “É preciso rezá-lo de modo digno, com atenção e devoção:

a) De modo digno - esta primeira exige, no mínimo, que a recitação do Rosário se faça de maneira decorosa, como convém à majestade de Deus, a quem nossa oração é principalmente dirigida.

“O melhor procedimento para rezar o Rosário é de joelhos, diante do Santíssimo Sacramento,.... ou diante de uma piedosa imagem de Nossa Senhora. Contudo, pode-se perfeitamente recitá-lo em qualquer outra postura digna: modestamente sentado, passeando pelo campo, etc....

b) Com atenção - a atenção é necessária para evitar a irreverência em que uma distração inteiramente voluntária implicaria. Como queremos que Deus nos ouça, se começamos por não ouvir-nos a nós mesmos?

“Não obstante, nem toda distração é culposa. As distrações involuntárias não invalidam o meritório da oração, desde que se faça o possível por contê-las e evitá-las”....

c) Com devoção - “a devoção consiste ... numa prontidão de ânimo para as coisas que tocam ao serviço de Deus”.

“Não se deve confundir fervor ou prontidão no que consiste essencialmente a devoção - com o sentimento de fervor: são coisas inteiramente distintas. O fervor ou prontidão consiste primária e principalmente na enérgica determinação da vontade de permanecer fielmente consagrada ao serviço de Deus, apesar dos freqüentes e dolorosos períodos de secura, aridez e provações espirituais....”

“Sem fervor da vontade, uma devoção meramente sensível não tem consistência ou real utilidade. Com o fervor, a alma permanece tranqüila e inquebrantável no

serviço de Deus...”

“Entretanto, quando Deus nos dá consolações sensíveis, não devemos desprezá-las, pois constituem um poderoso estímulo para a atividade espiritual no serviço de Deus”.

“TODAS AS GRAÇAS RECEBO DO CÉU POR MEIO DA ORAÇÃO DO SANTO ROSÁRIO” (Papa João Paulo II).

Nossa Senhora do Rosário, rogai por nós que recorremos a vós!

A BÍBLIA - PALAVRA VIVA DE DEUS PARA OS HOMENS:

A palavra “Bíblia” é de origem grega e quer dizer “LIVROS”.

São, ao todo, 73 livros: 46 no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento.

A Bíblia Protestante tem 66 livros, 7 a menos que a Bíblia Católica. Os livros de Baruc, Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, 1º e 2º Macabeus e parte dos livros de Ester e Daniel fazem parte da Bíblia Católica mas não da Bíblia Protestante.

O autor da Bíblia é Deus. Não foi Ele, porém, quem a escreveu. Essa tarefa coube aos homens e mulheres que, movidos pelo Espírito Santo, foram aos poucos escrevendo tudo o que a eles era inspirado que escrevessem.

A BÍBLIA foi composta “A DUAS MÃOS”: por Deus, que a inspirou, e pelos homens e mulheres que a escreveram. Não sabemos quantos são os autores humanos da Bíblia, mas sabemos que são muitos. Daí afirmarmos que a Bíblia foi escrita em “mutirão”.

Foi escrita entre o ano 1.250 antes de Cristo e o ano 100 depois de Cristo, aproximadamente. Ou seja, ela levou mais de mil anos para ficar pronta.

O Antigo Testamento foi escrito na Palestina (a terra de Jesus), na Babilônia (onde o povo judeu, num determinado momento de sua história, esteve exilado) e no Egito (para onde muitos judeus foram depois do cativeiro na Babilônia).

Os livros do Novo Testamento foram escritos na Palestina (a terra de Jesus), na Síria, na Ásia Menor, na Grécia e na Itália (lugares estes onde haviam sido fundadas comunidades cristãs). A Bíblia foi escrita em: HEBRAICO, ARAMAICO e GREGO e já foi traduzida para aproximadamente DOIS MIL IDIOMAS. As cópias mais antigas estão na Biblioteca do Vaticano, no Museu Britânico (Londres, Inglaterra) e no Museu de Jerusalém (Israel).

Os livros da Bíblia foram escritos em CERÂMICA (tijolos de argila), PAPIRO (tiras de papel feitas a partir da árvore de papiro, originária do Egito) e PERGAMINHO (couro curtido e preparado de carneiro, chamado de pergaminho por ter sido usado pela primeira vez na cidade de Pérgamo, 200 anos antes de Cristo).

A divisão dos livros da Bíblia em capítulos é da autoria do inglês Estêvão Langton, arcebispo de Cantuária, e foi realizada no ano de 1.214. Já a divisão dos capítulos em versículos foi feita, em definitivo, em 1.551, pelo tipógrafo Roberto Stefano. Uma curiosidade: a Bíblia tem 1.328 capítulos e 40.030 versículos. A Sagrada Escritura, está dividida em duas

grandes partes: ANTIGO TESTAMENTO e NOVO TESTAMENTO. O Antigo Testamento começa com o livro de Gênesis e termina com o livro de Malaquias, e o Novo Testamento vai do Evangelho de São Mateus até o livro do Apocalipse de São João.

O Antigo Testamento está assim subdividido: PENTATEUCO (os cinco primeiros livros, do Gênesis ao Deuterônimo); livros HISTÓRICOS (16 livros, de Josué a Macabeus); livros POÉTICOS ou SAPIENCIAIS (7 livros, de Jó a Eclesiástico) e, livros PROFÉTICOS (18 livros, de Isaías a Malaquias). O Novo Testamento apresenta a seguinte subdivisão: livros HISTÓRICOS (os 4 Evangelhos mais o livro dos Atos dos apóstolos); CARTAS DOS APÓSTOLOS (21 cartas, de Romanos a Judas) e, livro PROFÉTICO (apenas um, o Apocalipse, o último livro da Bíblia).

O centro da Bíblia é Jesus. Tudo nela aponta para o Filho de Deus feito homem. O Antigo Testamento (antiga aliança) prepara a sua vinda; o Novo Testamento (nova aliança) a realiza. Só a Igreja, instituída por Cristo, pode interpretar corretamente a Bíblia. O Espírito Santo, terceira Pessoa da Santíssima Trindade, é quem ajuda a Igreja nessa interpretação. O católico que participa das celebrações de sua comunidade vai, com o tempo, entendendo o sentido e o significado dos ensinamentos da Palavra de Deus; assim ele aprende a interpretar a Bíblia junto a Igreja.

A Bíblia deve ser lida com humildade de coração. É aos pequenos e simples que Deus revela a sua sabedoria. Em relação a sua leitura, a Igreja exorta com ardor e insistência a todos os fiéis cristãos, especialmente aos Religiosos que, pela freqüente leitura das divinas Escrituras, alcancem esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo. Portanto ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo. A Igreja lembra também que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada pela oração. Com Ele falamos quando rezamos, a Ele ouvimos quando lemos seus divinos ensinamentos. Assim como a vida da Igreja se desenvolve pela assídua participação no mistério eucarístico, assim espera-se um novo impulso de vida espiritual pela leitura e conhecimento da palavra de Deus, que permanece eternamente.

> **PALAVRA DE DOM BENEDICTO DE ULHÔA VIEIRA (22 Setembro 2.008) SOBRE O "DIA DA BÍBLIA":**

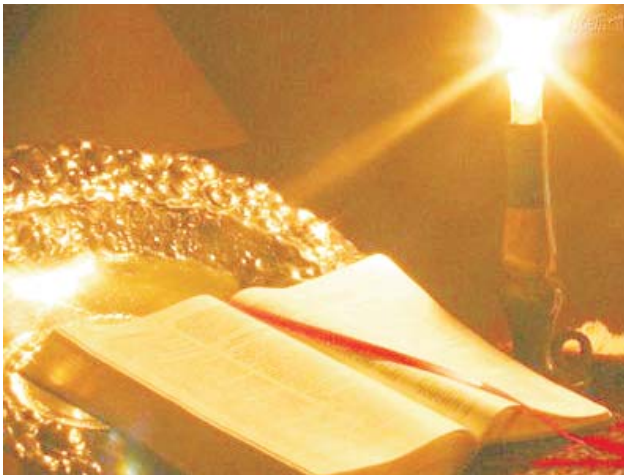
"No último domingo de setembro, celebramos o "Dia da Bíblia". É ocasião propícia para lembrar aos cristãos a necessidade de conhecer a revelação de Deus contida na Bíblia, sobretudo a vinda do Messias, que é Jesus e assim firmar-nos na fé. A revelação nos mostra o amor de Deus que veio ao nosso encontro para nossa santificação e salvação. Desde os tempos antigos, através dos profetas que Deus enviava ao povo judeu, foi sendo conhecida a vontade divina de nos preparar para a chegada de Jesus, o Messias.

Depois da morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos saíram pelo mundo antigo

anunciando o nome e a vida do Salvador, que veio para nossa redenção. As narrativas escritas sobre Jesus, o Messias Filho de Deus, são os Evangelhos canônicos, que só apareceram pelos anos 70, predominando até aí a tradição oral, que era a linha de transmissão da mensagem evangélica, isto é, a boa nova que é Jesus, como Cristo e Senhor, prometido e esperado e assim despertar a fé no Ressuscitado.

Dos quatro Evangelhos, o mais antigo é o de Marcos, embora colocado em segundo lugar na ordem atual.

A Igreja dedica o mês de Setembro a Sagrada Escritura, e este destaque se deve à memória de São Jerônimo, cuja festa é celebrada no



dia 30 de setembro. Foi o santo que teve o grande mérito de traduzir a Bíblia para a linguagem popular do seu tempo, o latim daquela época, aí pelos séculos quarto e quinto de nossa era. O povo já não falava o grego corrente dos primeiros tempos dos cristãos, e se tornava necessário colocar os textos sagrados ao seu alcance, através da tradução para a linguagem popular". (CNBB)

> **PALAVRA DO BISPO PERUANO D. LUIS FERNANDO (14 de Outubro de 2.008):** "A Palavra escutada e acolhida, alimenta em nós a fé na mente, transformando nossos critérios até chegar a ter 'a mente de Cristo'; acorda a fé no coração até chegar a 'ter entre nós os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus'; e nos impulsiona à fé na ação, conscientes de que são bem-aventurados aqueles que 'ouvindo a palavra a põem em prática'", "a Virgem Maria é o modelo de escuta, e resposta à Palavra de Deus".

> **NOSSA SENHORA RAINHA DA PAZ EM MEDJUGORJE DIZ:** "Queridos filhos, leiam a Sagrada Escritura para que Cristo renasça em seus corações. O Evangelho deve ser o seu alimento... coloquem a Bíblia num lugar visível em suas casas".

DIAS DE TODOS OS SANTOS E FINADOS: POR QUE UMA SOLENIDADE DE TODOS OS SANTOS?

Eles não deixam de interceder por nós junto ao Pai.

"No dia 1º de Novembro a Igreja celebra a festa de Todos os Santos. Segundo a tradição ela foi colocada neste dia, logo após o 31 de outubro que os Celtas ingleses, pagãos, celebravam as bruxas e os espíritos que vinham se alimentar e assustar as pessoas nesta noite (Halloween).

Nesse dia a Igreja militante (que luta na Terra)

honra a Igreja triunfante do Céu "celebrando numa única solenidade todos os Santos" – como diz o sacerdote na oração da Missa – para render homenagem aquela multidão de Santos que povoam o Reino dos céus que São João viu no Apocalipse: "Ouvei então o número dos assinalados: cento e quarenta e quatro mil assinalados, de toda tribo dos filhos de Israel... Depois disso, vi uma grande multidão que ninguém podia contar, de toda nação, tribo, povo e língua: conservavam-se em pé diante do trono e diante do Cordeiro, de vestes brancas e palmas na mão.". "Esses são os sobreviventes da grande tribulação;

lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro." (Ap 7,4 - 14)

Esta imensa multidão de 144 mil, "que está diante do Cordeiro" compreende todos os servos de Deus, aos quais a Igreja canonização através da decisão infalível de algum Papa, e todos aqueles, incontáveis, que conseguiram a salvação, e que desfrutam da visão beatífica de Deus. Lá "eles intercedem por nós sem cessar", diz uma de nossas Orações Eucarísticas. Por isso a Igreja recomenda que os pais ponham nomes de Santos em seus filhos.

Esses 144 mil significam uma grande multidão (12 x 12 x 1000). O número 12 e o número 1000 significavam para os judeus antigos plenitude, perfeição e abundância; não é um valor meramente aritmético, mas simbólico. A Igreja já canonizou mais de 20 mil Santos, mas há muito mais que isto no Céu. No livro RELAÇÃO DOS SANTOS E BEATOS DA IGREJA, eu pude relacionar, de várias fontes, quase 5000 dos mais importantes, e os coloquei em ordem alfabética.

A "Lúmen Gentium" do Vaticano II, lembra que: "Pelo fato de os habitantes do Céu estarem unidos mais intimamente com Cristo, consolidam com mais firmeza na santidade toda a Igreja. Eles não deixam de interceder por nós junto ao Pai, apresentando os méritos que alcançaram na terra pelo único mediador de Deus e dos homens, Cristo Jesus. Por conseguinte, pela fraterna solicitude deles, a nossa fraqueza recebe o mais valioso auxílio" (LG 49) (§956)

Na hora da morte, S. Domingos de Gusmão dizia a seus frades: "Não choreis! Ser-vos-ei mais útil após a minha morte e ajudar-vos-ei mais eficazmente do que durante a minha vida". E Santa Teresinha confirmava este ensino dizendo: "Passarei meu céu fazendo bem na terra".

O nosso Catecismo diz que: "Na oração, a Igreja peregrina é associada à dos santos, cuja intercessão solicita". (§2692)

A marca dos Santos são as Bem-aventuranças que Jesus proclamou no Sermão da Montanha; por isso este trecho do Evangelho de S. Mateus (5,1ss) é lido nesta Missa. Os Santos viveram todas as virtudes e por isso são exemplos de como seguir Jesus Cristo.

Deus prometeu dar a eterna bem-

aventurança aos pobres no espírito, aos mansos, aos que sofrem e aos que têm fome e sede de justiça, aos misericordiosos, aos puros de coração, aos pacíficos, aos perseguidos por causa da justiça e a todos os que recebem o ultraje da calúnia, da maledicência, da ofensa pública e da humilhação.

Esta Solenidade de Todos os Santos vem do século IV. Em Antioquia celebrava-se uma festa por todos os mártires no primeiro domingo depois de Pentecostes. A celebração foi introduzida em Roma, na mesma data, no século VI, e cem anos após era fixada no dia 13 de maio pelo papa Bonifácio IV, em concomitância com o dia da dedicação do "Panteon" dos deuses romanos a Nossa Senhora e a todos os mártires. No ano de 835 esta celebração foi transferida pelo papa Gregório IV para 1º de novembro.

Cada um de nós é chamado a ser santo. Disse o Concílio Vaticano II que: "Todos os fiéis cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade" (Lg 40). Todos são chamados à santidade: "Deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48): "Com o fim de conseguir esta perfeição, façam os fiéis uso das forças recebidas (...) cumprindo em tudo a vontade do Pai, se dediquem inteiramente à glória de Deus e ao serviço do próximo. Assim a santidade do povo de Deus se expandirá em abundantes frutos, como se demonstra luminosamente na história da Igreja pela vida de tantos santos" (LG 40). O caminho da perfeição passa pela cruz. Não existe santidade sem renúncia e sem combate espiritual (cf. 2Tm 4). O progresso espiritual oração, mortificação, vida sacramental, meditação, luta contra si mesmo; é isto que nos leva gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças. Disse S. Gregório de Nissa (†340) que: "Aquele que vai subindo jamais cessa de ir progredindo de começo em começo por começos que não têm fim. Aquele que sobe jamais cessa de desejar aquilo que já conhece" (Hom. in Cant. 8)".

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA:

§2013 "Todos os fiéis cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade". Todos são chamados à santidade: "*Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito*" (Mt. 5,48).

§2011 A caridade de Cristo em nós constitui a fonte de todos os nossos méritos diante de Deus. A graça, unindo-nos a Cristo com um amor ativo, assegura a qualidade sobrenatural de nossos atos e, por conseguinte, o seu mérito diante de Deus como também diante dos homens. Os santos sempre tiveram viva consciência de que seus méritos eram pura graça.

COMEMORAÇÃO DO DIA DE FINADOS:

"A Igreja Católica celebra no dia 2 de novembro, o dia dos fiéis defuntos, dia dos mortos ou dia de Finados, logo após o dia de Todos os Santos. A Tradição da Igreja sempre exortou seus fiéis, especialmente neste dia, venerar a memória de seus entes queridos falecidos. Para a doutrina católica é fundamental a idéia de comunhão que deve haver entre os membros do Corpo

Místico de Cristo, isto é, todos os fiéis cristãos acreditam que estão em comunhão com Cristo ressuscitado e que a vivência desta comunhão expressa a todas as pessoas, a presença viva de Jesus Cristo. Esta comunhão envolve e abraça a todos os cristãos vivos e mortos, porque Cristo ressuscitado desvenda ao ser humano o seu destino final. Muitos fiéis neste dia costumam visitar os cemitérios para rezar e venerar a memória dos que já se foram.

O sentimento da saudade existe e sempre existirá, mas os cristãos procuram testemunhar uma esperança confiante, apesar da dor causada pela separação de seus entes queridos.

A celebração desse dia é de esperança, crendo que os falecidos já tenham encontrado a vida verdadeira junto de Deus. Nós que ainda peregrinamos nesta terra esperamos ansiosos a hora de reencontrar os nossos que partiram, testemunhando esta comunhão com eles estando em comunhão com Cristo.

O Dia de Finados conforme padre Dorival Barreto, nasceu em 998, quando o Abade Santo Odilon do "Cluny" decretou que em todos os mosteiros sob sua jurisdição se fizesse a comemoração festiva de todos os fiéis defuntos no dia 2 de novembro, acrescentando que "se algum outro quiser seguir o exemplo de nossa piedosa invenção, participe de todos os bons votos e pedidos". No Missal de Paulo VI (1970) a liturgia da Missa dos defuntos foi enriquecida de modo especial com novos "Prefácios de defuntos", além do antigo. Por esses prefácios a nova liturgia cuida de expressar o sentido da morte cristã, e proclama o mistério pascal de Cristo, em vez de entristecer, "como os outros que não tem esperança", comenta padre Dorival. Todas as leituras, cânticos das três missas da comemoração dos defuntos são marcados pela fé no mistério pascal e pela súplica a fim de que seja concedida aos mortos a graça de participar sempre neste mistério.

Com esta celebração, "a Igreja recorda as pessoas que marcaram nossa vida e a vida da comunidade, dedicando este dia àqueles que morreram no sinal da fé e foram destinados à eterna comunhão com Deus". Daí conclui que somos chamados a rezar pelos falecidos na certeza de que eles gozam da glória eterna dada pelo Pai Celeste".

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA:

>A COMUNHÃO COM OS FALECIDOS:

§958 "Reconhecendo cabalmente esta comunhão de todo o corpo místico de Jesus Cristo, a Igreja terrestre, desde os tempos primeiros da religião cristã, venerou com grande piedade a memória dos defuntos (...) e, "...já que é um pensamento santo e salutar rezar pelos defuntos para que sejam perdoados de seus pecados"(2Mc 12,46), também ofereceu sufrágios em favor deles." Nossa oração por eles pode não somente ajudá-los, mas também tornar eficaz sua intercessão por nós.

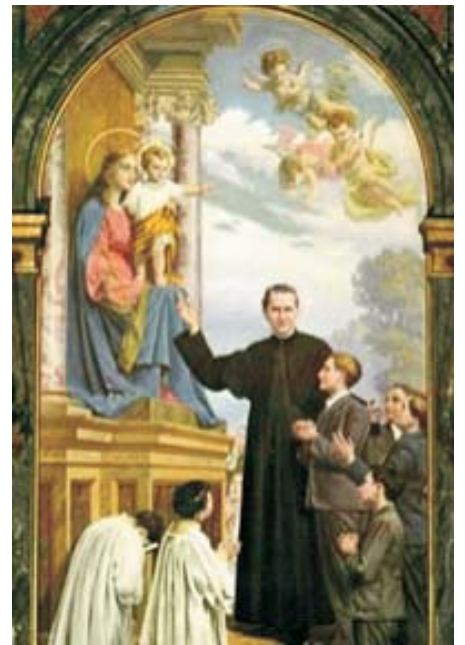
CÉU, INFERNO E PURGATÓRIO VISTOS POR SÃO JOÃO BOSCO (DOM BOSCO):

São João Bosco nasceu em 16 de agosto de 1.815 na Itália.

Fundou as Congregações: das Filhas de Maria Auxiliadora e os Salesianos.

Morreu em 31 de janeiro de 1.888, aos 72

anos de idade. Em 1º de Abril de 1.934, foi proclamado santo pelo papa Pio XI, que teve a felicidade de conhecê-lo.



> **O CÉU:** Dom Bosco teve este sonho/revelação na noite de 6 de dezembro de 1.876 e assim o relata:

"Na noite em que estive em Lanzo, chegada a hora de repousar, aconteceu-me que tive o seguinte sonho.

Pensai o que quiserdes desse sonho. Como diz São Paulo, [conservai o que é bom], se alguma coisa encontráreis nele que seja de proveito para vossa alma, sabeis aproveitar-vos dela. Quem não quiser crer, que não me creia, pouco importa; mas ninguém jamais zombe das coisas que vou dizer.

Logo me pareceu estar sobre uma elevação de terreno, ou colina, à beira de uma imensa planície cujos confins a vista não alcançava, pois se perdiam na imensidão; era toda azulada como o mar calmo, embora o que eu visse não fosse água; parecia um cristal límpido e luminoso. Sob meus pés, por trás de mim e dos lados via uma região à maneira de um litoral à margem do oceano.

Largos e gigantescos caminhos dividiam aquela planície em vastíssimos jardins de indescritível beleza, todos repartidos em bosquezinhos, prados e canteiros de flores, de formas e cores variadas. Nenhuma das nossas plantas pode nos dar idéia daquelas, embora tenham com elas alguma semelhança. As ervas, as flores, as árvores, as frutas, eram vistosíssimas e de belíssimo aspecto. As folhas eram de ouro; os troncos e ramos, de diamante, correspondendo todo o resto a essa riqueza. Seria impossível contar as diferentes espécies; e cada espécie e cada indivíduo resplandecia com uma luz própria.

No meio daqueles jardins e em toda a extensão da planície eu contemplava incontáveis edifícios de ordem, beleza, harmonia, magnificência e proporções tão extraordinárias, que para a construção de um só deles me parecia não seriam suficientes todos os tesouros da terra.

Enquanto contemplava extasiado tão estupendas maravilhas que adornavam

aqueles jardins, eis que chega a meus ouvidos uma música dulcíssima, de tão agradável e suave harmonia que nem posso dela dar-vos adequada idéia. Eram cem mil instrumentos, produzindo cada qual um som diverso do outro, enquanto todos os sons possíveis difundiam pelos ares suas ondas sonoras. A estes, somavam-se os coros de cantores.

Vi então uma multidão de pessoas que se encontrava naqueles jardins e se regozijava alegre e contente. Uns tocavam, outros cantavam. Cada voz, cada nota, produzia efeito de mil instrumentos reunidos, todos diferentes uns dos outros. Ao mesmo tempo ouviam-se os diversos graus da escala harmônica, desde os mais baixos até os mais agudos que se possam imaginar, mas todos em perfeita harmonia. Via-se, pelo rosto dos felizes habitantes do jardim, que os cantores não só experimentavam extraordinário prazer em cantar, mas ao mesmo tempo sentiam imenso gozo em ouvir cantar os demais. Quanto mais um cantava, mais se lhe acendia o desejo de cantar, e quanto mais ouvia, mais desejava ouvir.

Era isto o que cantavam: [Saudação, honra e glória a Deus Pai onipotente! Autor do século, que era, que é e que virá a julgar os vivos e os mortos para todos os séculos dos séculos].

Enquanto ouvia atônito essa celestial harmonia, vi aparecer uma imensa multidão de jovens.

Eu me perguntava a mim mesmo: "**Estou dormindo ou estou acordado?**". Batia as mãos uma na outra e me tocava no peito, para certificar-me de que era realidade o que via.

Chegada diante de mim toda aquela multidão, parou à distância de oito ou dez passos. Brilhou então um relâmpago de luz mais viva; cessou a música e fez-se um silêncio profundo. Todos os jovens estavam tomados pela maior alegria, que lhes transparecia no olhar, e em seus rostos se via a paz de uma felicidade perfeita. Olhavam-me com um suave sorriso nos lábios e parecia que desejavam falar, mas não falavam. Vestiam-se de modos diversos, mas sempre maravilhosos; uns mais, outros menos ricos; uns de uma, outros de outra forma; num, dominava determinada cor; noutro, dominava outra; e cada uma das vestes tinha um significado que ninguém saberia compreender. Mas todos tinham na cintura uma faixa vermelha.

Eu continuava a observar e pensava: Que significará isso? Como vim parar neste local?... E não sabia onde me encontrava. Fora de mim, temeroso pela reverência que tudo aquilo me inspirava, não me atrevia a dizer nada. Também os outros continuavam silenciosos. Por fim, Domingos Sávio (que foi aluno de Dom Bosco, e faleceu com 15 anos incompletos) abriu a boca:

- Por que estás aí mudo e como que aniquilado? Por que não falas?

- Não sei o que dizer... Mas, não és tu Domingos Sávio?

- Sim, sou; já não me reconheces?

- E como te encontras aqui? – acrescentei, sempre confuso.

Sávio então respondeu com afeto:

- Vim aqui para falar-te. Tantas vezes nos

falamos na Terra! Não recordas quanto me amavas, quantas provas de amizade e quantas demonstrações de benevolência me deste? E eu por acaso não correspondi a teus desvelos? Como era grande minha confiança em ti! Por que, então, tremes? Coragem! pergunta-me alguma coisa.

- Tremo, porque não sei onde me encontro.

- Estás no local da felicidade – respondeu Sávio – onde se gozam todas as alegrias, todas as delícias.

- É este, pois, o prêmio dos justos?

- Não, por certo. Aqui não se gozam os bens eternos, mas só, ainda que em medida grande, os temporais.

- Mas então são naturais todas essas coisas?

- Sim, se bem que embelezadas pelo poder de Deus.

- E a mim, que me parecia que isto era o Paraíso! – exclamei.

- Não, não, não! – respondeu Sávio. Nenhum olho mortal pode ver as belezas eternas.

- E essas músicas – prossegui perguntando – são as harmonias de que gozais no Paraíso?

- Não, não, já te disse que não!

- São sons naturais?

- Sim, são sons naturais, aperfeiçoados pela onipotência de Deus.

- E esta luz que sobrepuja a luz do sol, é luz sobre natural? É a luz do Paraíso?

- É luz natural, embora avivada e aperfeiçoada pela onipotência divina.

- E não se poderia ver um pouco de luz sobrenatural?

- Ninguém pode vê-la enquanto não chegue a ver a Deus [como Ele é]. O menor raio dessa luz tira no mesmo instante a vida de um homem, porque não é suportável pelas forças humanas.

- E poderia haver uma luz natural ainda mais bela do que esta?

- Se soubesses! Se visses somente um raio de luz natural elevada a um grau superior a este, ficarias fora de ti.

- E não se pode ver ao menos um raio dessa luz de que falas?

- Sim, podes vê-lo; terás a prova do que te digo; abre os olhos. Olha bem no fundo desse mar de cristal.

Levantei a vista, e apareceu de repente no céu, a uma distância imensa, uma instantânea centelha de luz, sutilíssima como um fio, mas tão brilhante, tão penetrante, que meus olhos não puderam resistir. Fechei-os e lancei um grito forte. Aquele fiozinho de luz era cem milhões de vezes mais claro que o sol, e seu fulgor bastaria para iluminar todo o universo criado.

Após alguns instantes, consegui abrir os olhos e perguntei a Domingos Sávio:

- E isso que vi, será talvez um raio divino?

- Não é luz sobrenatural, se bem que, comparada com a terrestre, seja tão superior em brilho. Não é senão luz natural, assim avivada pelo poder de Deus. E ainda que imaginasses uma imensa zona de luz semelhante à centelhazinha que viste lá no fundo rodeando todo o mundo, nem por isso formarias para ti uma idéia dos esplendores do Paraíso.

- E vós, de que gozais, pois, no Paraíso?

- Ah! É impossível dizer-te. O que se goza no Paraíso nenhum homem mortal pode sabê-lo enquanto não deixar esta vida e se reunir a seu Criador. Basta dizer que se goza ao próprio Deus.

- E por que – voltei a perguntar quando cessou o canto – essa faixa vermelha na tua

cintura?

- [São virgens e seguirão o Cordeiro aonde quer que vá]

Compreendi então que a faixa encarnada, cor de sangue, era símbolo dos grandes sacrifícios feitos, dos violentos esforços e do quase martírio sofrido para conservar a virtude da pureza; e que, para manter-se casto na presença do Senhor, ele teria estado pronto a dar a vida se as circunstâncias o houvessem requerido; e que também era símbolo das penitências, que limpam a alma da culpa. A brancura e o esplendor da túnica significavam a inocência batismal conservada.

- E quem são estes que te rodeiam? Como é que estais todos tão refulgentes?

Sávio continuou calado, e todos os jovens se puseram a cantar:

- [Estes são como Anjos de Deus no Céu].

- São Domingos Sávio diz: O que mais me confortou no transe da morte foi a assistência da poderosa e amável Mãe do Salvador. Diz isto a teus filhos: que não se esqueçam de invocá-La em quanto estão em vida.... Quando por permissão divina uma alma separada do corpo aparece diante de algum mortal, apresenta-se com a forma exterior do corpo que em vida animou, com todas as suas feições exteriores, embora muito embelezadas, e assim as conserva até que volte a unir-se a ele, no dia do Juízo Universal. Então o levará consigo para o Paraíso. É por isso que te parece que tenho mãos, pés e cabeça; mas tu não podes segurar-me porque sou puro espírito. Esta é só uma forma exterior pela qual me podes conhecer, e continua: quanto melhores e mais puras são as criaturas, tanto mais se acercam aos espíritos celestiais; pelo contrário, quanto pior, mais desonesto e torpe é alguém, tanto mais se afasta de Deus e dos Anjos, os quais, por sua vez, se afastam dele, que se converteu num objeto de náusea e repugnância.

> **O PURGATÓRIO:** - Vem comigo – disse – e poderás ver logo o que desejas!

Obedeci imediatamente. Mas a tal pessoa andava com a rapidez do pensamento, e eu no mesmo passo que meu guia. Andávamos de maneira tal que nossos pés nem tocavam o solo. Chegados por fim a uma certa região que eu desconhecia, o guia parou. Erguia-se sobre uma preeminência do terreno um magnífico palácio de construção admirável. Não sabia onde estava, nem sobre que montanha; nem me recordo mais se estava realmente sobre uma montanha ou se estava no ar, sobre nuvens. Era inacessível e não se via caminho algum para poder chegar até ele. Suas portas eram de considerável altura.

- Sobe a esse palácio – me disse o guia.

- Como vou fazer? – observei eu – como fazer para subir? Aqui por baixo não há entrada, e não tenho asas.

- Entra! – replicou ele com autoridade. E, vendo que eu não me movia, disse:

- Faz como eu: levanta os braços com boa vontade e subirás. Vem comigo.

E assim dizendo, levantou ao alto as mãos, dirigindo-as para o céu. Eu também abri os braços, e me senti num só instante alçado pelos ares como uma nuvenzinha. Eis que chego aos umbrais do palácio. O guia me

acompanhara até lá.

Entrei no pântano, subi as escadas e cheguei a um salão verdadeiramente régio. Percorri salas espaçosas, aposentos riquíssimos de ornamentos e longos corredores. Caminhava com velocidade acima da natural.

Cada sala brilhava com magnificência de tesouros espantosos, e naquela velocidade percorri tantos aposentos que me foi impossível contá-los.

Passando assim de um aposento a outro, vi finalmente no fundo de um corredor uma porta. Entrei e me encontrei num salão grande, que superava em magnificência a todos os demais. No fundo dele, sobre uma cadeira de espaldar alto, avistei um Bispo, majestosamente sentado, em posição de quem se prepara para dar audiência. Aproximei-me com respeito e fiquei admiradíssimo por reconhecer naquele prelado um íntimo amigo meu, Era Dom ... (e disse o nome), Bispo de ..., falecido havia dois anos. Parecia nada sofrer. Seu aspecto era radiante, afetuoso e de tão grande beleza que nem sequer poderia exprimir.

- Oh! Senhor Bispo, vós por aqui? – perguntei, com grande alegria.

- Não me vê? – respondeu o Bispo.

- Mas, como isso? Ainda estais vivo? Não morrestes?

- Sim, morri.

- Se morrestes, como é que estais sentado aqui tão radiante e satisfeito? Se ainda estais vivo, por caridade, esclarecei-me: na diocese de ... há já um outro Bispo, Dom ..., em vosso lugar. Como é que se esclarece essa confusão?

- Esteja tranqüilo; não se preocupe que já estou morto...

- Ainda bem que já está um outro em vosso lugar.

- Sei disso. E o Sr., Dom Bosco, está vivo ou está morto?

- Eu estou vivo. Não vedes que estou aqui em corpo e alma?

- Aqui não se pode vir com o corpo.

- Mas, sem embargo, aqui estou.

- É o que lhe parece; mas não é assim...

Eu me apressava em falar-lhe, fazendo perguntas e mais perguntas, sem receber resposta alguma.

- Como pode ser que eu, que estou vivo, esteja aqui convosco, Senhor Bispo, que já morrestes?

Tinha medo de que o Bispo desaparecesse, pelo que lhe roguei:

- Senhor Bispo, por caridade, não me deixeis. Necessito saber muitas coisas. Dizei-me, Senhor Bispo, salvastes vossa alma?

O Bispo, vendo-me tão ansioso, disse: - Não se aflija tanto e fique calmo, que não fugirei. Pode falar.

- Dizei-me, Senhor Bispo, estais salvo?

- Olhe-me; observe como estou robusto, cheio de louçania e brilho.

Seu aspecto me dava realmente a certeza de que estava salvo; mas, não me contentando com essa impressão, repliquei:

- Dizei-me se estais salvo, sim ou não.

- Sim, estou em lugar de salvação.

- Mas já estais no Paraíso, gozando do Senhor? ou no Purgatório?

- Estou em lugar de salvação, mas ainda não vi a Deus e ainda necessito de que reze

por mim.

- E quanto tempo ainda deveis estar no Purgatório?

- Olhe aqui e leia! – disse, apresentando-me uma folha de papel.

Tomei na mão o papel; observei atentamente, mas, nada vendo escrito, disse-lhe:

- Nada vejo!

- Veja bem o que nele está escrito e leia!

- Já olhei com atenção e estou olhando novamente, mas nada posso ler porque nada há escrito aqui.

- Veja com mais atenção!

- Vejo um papel com floreios vermelhos, azuis, verdes, cor de violeta, mas não encontro letra alguma.

- São algarismos.

- Não vejo letras nem números.

O Bispo olhou o papel que eu tinha nas mãos e disse:

- Já sei porque o senhor não vê nada; vire o papel ao contrário.

Examinei a folha com maior atenção, virei-a de dois os lados; mas nem de um lado nem do outro nada consegui ler. Somente me pareceu ver, entre uma infinidade de traços e desenhos, o número 2.

- O senhor, Dom Bosco, sabe por que é necessário ler ao contrário? – continuou o Bispo – É porque os juízos do Senhor são completamente distintos dos do mundo. O que os homens julgam sabedoria é tolice aos olhos de Deus.

Não tive coragem de insistir para que explicasse mais claramente, e disse:

- Senhor Bispo, não vos afasteis; quero perguntar-vos mais coisas.

- Pois pergunte, que lhe escuto.

- Eu me salvarei?

- Deve ter esperança nisso.

- Não me façais sofrer; dizei-me logo se me salvarei.

- Não sei.

- Pelo menos dizei-me se estou na graça de Deus.

- Não sei.

- Dizei-me algo para transmitir de vossa parte aos meus meninos.

- O senho sabe tanto quanto eu o que devem fazer. Tendes a Igreja, o Evangelho e as outras Escrituras que tudo vos dizem. Diga-lhes que salvem suas almas, pois tudo o mais de nada serve.

- Já sabemos que devemos salvar a alma. Mas, que devemos fazer para salvá-la? Dê-me alguma recomendação especial para poder salvá-la, e que nos faça recordar de vós. Eu o repetirei aos meus rapazes em vosso nome.

- Diga-lhes que sejam bons e sejam obedientes.

- Quem é que não sabe essas coisas?

- Diga-lhes que sejam puros e que rezem.

- Mas, explicai-vos em termos mais concretos.

- Diga-lhes que se confessem com frequência e façam boas confissões.

- Alguma outra coisa ainda mais concreta...

- Direi, já que quer. Diga-lhes que têm diante dos olhos uma neblina, e que quando alguém chega a vê-la já está muito adiantada. Que afastem essa neblina.

- Que neblina é essa?

- São todas as coisas mundanas, que impedem de ver as coisas celestiais como de fato são.

- E que devem fazer para afastar essa neblina?

- Considerem o mundo exatamente como ele é: [mundo está todo posto no maligno]; e então salvarão a alma. Que não se deixem enganar pelas aparências do mundo. Os jovens crêem que os prazeres, as alegrias, as amizades do mundo, podem fazê-los felizes e, portanto, não esperam se não o momento de poder gozar desses prazeres. Mas recordem-se de que tudo é vaidade e aflição de espírito, e tomem o hábito de ver as coisas do mundo não como elas parecem, mas como realmente são.

- E essa neblina, como é principalmente produzida?

- Assim como a virtude que mais brilha no paraíso é a pureza, assim a obscuridade e a neblina são produzidas principalmente pelo pecado de imodéstia e impureza. É como uma negra nuvem densíssima que tolda a visão e impede os jovens de verem o precipício rumo ao qual caminham. Diga-lhes, portanto, que conservem zelosamente a virtude da pureza, porque os que a [florescerão como o lírio na cidade de Deus].

- E que se requer para conservar a pureza? Dizei-me, e o direi aos meus caros jovens de vossa parte.

- Recolhimento, obediência, fuga do ócio e oração.

- E que mais?

- Oração, fuga do ócio, obediência e recolhimento.

- Nada mais?

- Obediência, recolhimento, oração e fuga do ócio. Recomende-lhes estas coisas, que elas são suficientes.

Mas, que mudança se havia operado em poucos instantes! O Bispo, pálido como cera, estava estendido sobre um leito e parecia um cadáver; em seus olhos brilhavam ainda suas últimas lágrimas; estava em agonia. Só pelo ligeiro movimento do peito, produzido pelos últimos alentos, se deduzia que ainda estava vivo. Aproximei-me com grande preocupação e perguntei:

- Senhor Bispo, que vos aconteceu?

- Deixe-me! – respondeu com um gemido.

- Deixe-me só! Sofro imensamente.

- Que posso fazer por vós?

- Reze e deixe-me ir embora!

- Para onde?

- Para onde me conduz a mão do onipotente de Deus.

- Mas, Senhor Bispo, rogo-vos que me digas o local.

- Sofro imensamente, deixe-me.

Eu repetia: - Mas ao menos dizei-me: que posso fazer por vós?

-Reze por mim.

-Uma só palavra: tendes algum encargo que eu possa fazer-vos no mundo? Não quereis dizer nada para vosso sucessor?

O Bispo tinha tomado um aspecto ainda mais sofrido. Era um tormento vê-lo. Sofria muitíssimo. Era uma agonia das mais angustiosas.

- Deixe-me – repetiu – deixe-me que vá para onde o Senhor me chama.

Parecia que expirava. Uma força invisível o arrastou dali para habitações mais interiores, de modo que desapareceu.

Neste sonho aprendi tantas coisas a respeito da alma e do Purgatório como antes jamais havia chegado a compreender; e as vi tão claramente que jamais as esquecerei.

Nenhum comentário Dom Bosco fez acerca do estado daquele bom Bispo. Sabe-se, aliás, por revelações digníssimas de fé e pelo testemunho dos Santos Padres, que pessoas de santidade consumada, lírios de virginal pureza, carregados de méritos, fazedores de milagres que nós hoje veneramos nos altares, por defeitos ligeiríssimos deveram permanecer um tempo até prolongado no Purgatório. A Justiça Divina quer que, antes de entrar no Céu, cada um pague até a última parcela suas dívidas.

> O INFERNO: No dia 3 de maio de 1.869, Dom Bosco narrou o sonho que segue:

.... Para não dormir tão rapidamente, com temor de que a imaginação me levasse aos costumeiros sonhos, apoiei o travesseiro na parede, de modo a ficar quase sentado no leito. Mas, como estava moído de cansaço, sem que me desse conta o sono logo se apoderou de mim. E eis que de repente vejo no quarto, junto a minha cama, o homem da noite anterior, o qual me diz:

- Levanta-te e vem comigo!

- Rogo-te, por caridade - lhe respondi - deixa-me tranqüilo, pois estou cansado demais. Há vários dias sou atormentado pela dor de dentes. Deixa-me descansar. Tive sonhos espantosos; estou extenuado. Dizia isso também porque a aparição desse homem é sempre sinal de grande agitação, cansaço e terror.

- Levanta-te, que não há tempo a perder! - me respondeu.

Então levantei-me e segui-o. No caminho, perguntei:

- Aonde me queres levar desta vez?

- Vem e verás.

Conduziu-me a um lugar onde se estendia uma imensa planície. Olhei à volta, mas de lado algum conseguia ver os confins dela, de tal forma era ela extensa. Era um verdadeiro deserto! Não aparecia ser vivo algum. Não se via nem uma planta nem um rio; a vegetação seca e amarelecida mostrava aspecto desolador. Não sabia onde me encontrava, nem o que iria fazer. Durante alguns instantes perdi de vista o guia. Receei me ter perdido. Eis que descobri de novo o amigo, que vinha a meu encontro. Respirei e lhe perguntei:

- Onde estou?

- Vem comigo e verás.

- Bem, irei contigo.

Caminhava ele na frente e eu o seguia em silêncio. Após uma longa e triste caminhada, pensando que precisaria atravessar toda a imensa planície, dizia para mim mesmo:

- Pobres de meus dentes! Pobre de mim, com as pernas inchadas!...

De repente, sem saber como, aparece diante de mim uma estrada. Rompi então o silêncio, perguntando ao meu guia:

- Aonde vamos agora?

- Por aqui - respondeu-me.

E nos encaminhamos por aquela estrada. Era bonita, larga, espaçosa e bem pavimentada. Via [O caminho dos pecadores é muito bem pavimentado, mas no final dele estão o inferno, as trevas e os castigos] (Eclesiástico, 21, 11).

Nos dois lados do caminho, havia duas belíssimas sebes, verdes e cobertas de flores encantadoras. As rosas,

especialmente, brotavam por todas as partes entres as folhas. A primeira vista esse caminho parecia plano e cômodo; e sem suspeitar de nada, me pus a caminhar por ele. Mas à medida que prosseguia, notei que ia imperceptivelmente declinando e, ainda que não parecesse muito rápida a descida, eu corria a uma tal velocidade que parecia estar sendo levado pelo vento. Mais ainda, dei-me conta de que avançava quase sem mover os pés, tão rápida era nossa carreira. Refletindo que retornar depois por uma estrada tão longa me custaria grande esforço e fadiga, perguntei ao amigo:

- Como é que faremos para voltar depois ao Oratório?

- Não te preocupes - me respondeu - o Senhor é onipotente e quer que tu vás. Quem te conduz e te mostra como ir para a frente saberá também reconduzir-te de volta.

O caminho baixava sempre. Continuávamos nosso trajeto por entre flores e rosas, quando, pelo mesmo caminho, vi os meninos do Oratório, juntamente com muitíssimos outros companheiros que eu jamais vira antes, caminhando atrás de mim. E encontrei-me no meio deles. Enquanto os observava, de repente vejo que ora um, ora outro, caíam, e em seguida eram arrastados por uma força invisível rumo a uma horrível encosta que se entevia à distância, a qual depois vi que ia dar numa fomalha. Perguntei a meu companheiro:

- Que é que faz cair esses jovens? [Estenderam cordas à maneira de rede; junto do caminho puseram tropeços] (Salmo 139).

- Aproxima-te um pouco mais - respondeu.

Aproximei-me e vi que os meninos passavam entre muitos laços, alguns postos à altura do chão, outros à altura da cabeça; estes últimos não se viam. Dessa forma, muitos jovens, enquanto caminhavam sem dar-se conta do perigo, eram colhidos pelos laços; no momento de ser colhidos davam um salto, depois caíam no solo com as pernas para o ar e, levantando-se, se punham em desabalada corrida para o abismo. Um era agarrado pela cabeça, outro pelo pescoço, outro pelas mãos, por um braço, por uma perna, pela cintura, e imediatamente depois eram arrastados. Os laços estendidos pela terra, que mal se podiam ver, eram parecidos com estopa. Lembravam uns fios de aranha, e não pareciam muito nocivos. Vi que também os jovens colhidos por tais laços caíam quase todos por terra. Eu estava espantado. E o guia me disse:

- Sabes o que é isso?

- Um pouco de estopa, não mais do que isso - respondi.

- Menos ainda do que isso; é quase nada - acrescentou. É o respeito humano.

Vendo, entretanto, que muitos continuavam a se enredar nesses laços, perguntei:

- Mas como é que tantos ficam atados por meio desses fios? Quem é que os arrasta desse modo?

- Aproxima-te mais, olha e verás.

Olhei um pouco e disse: - Não estou vendo nada.

- Olha um pouco melhor - repetiu.

Segurei então um dos laços, puxei-o para mim e notei que sua ponta não aparecia; puxei um pouco mais, mas não conseguia

ver onde é que terminava aquele fio; pelo contrário, notei que também a mim ele me arrastava. Segui então o fio e cheguei à boca de uma espantosa caverna. Parei, porque não queria entrar; puxei para mim o fio e percebi que ele cedia um pouquinho. Mas era necessário fazer muita força. Depois de muito puxar, pouco a pouco foi saindo fora da caverna um feio e grande monstro que causava repugnância e segurava fortemente um cabo ao qual estavam atados todos os laços. Era ele que, mal caía alguém na rede, imediatamente o puxava para si.

- É inútil - competir em força com este monstro medonho, porque não sou capaz de vencê-lo; o melhor é combatê-lo com o sinal da Santa Cruz e com jaculatórias.

Voltei, pois, para junto do meu guia, e ele me disse:

- Já sabes agora o que é?

- Sim! Já sei, é o demônio que estende esses laços para fazer meus jovens caírem no Inferno.

Observei então com atenção os muitos laços e vi que cada um deles levava escrito seu próprio título: laço da soberba, da desobediência, da inveja, da impureza, do roubo, da gula, da preguiça, da ira etc.

Feito isso, coloquei-me um pouco atrás para observar quais daqueles laços colhiam maior número de jovens. Eram os da impureza, da desobediência e do orgulho. A este último estavam atados os outros dois. Além desses vi muitos outros laços que faziam grande estrago, mas não tanto como os primeiros. Sem parar de observar, vi que muitos jovens corriam mais precipitadamente que outros, e perguntei:

- Por que essa velocidade?

- Porque são arrastados pelos laços do respeito humano.

Olhando ainda mais atentamente, vi que por entre os laços havia muitas facas espalhadas, ali colocadas por mão providencial, e serviam para cortá-los e rompe-los. A faca maior era contra o laço do orgulho, e representava a meditação. Outra faca também grande, mas um pouco menor, significava a leitura espiritual bem feita. Havia também duas espadas. Uma delas indicava a devoção ao Santíssimo Sacramento, especialmente com a Comunhão freqüente; a outra, a devoção a Nossa Senhora. Havia também um martelo: a confissão. Havia outras facas, símbolo das várias devoções: a São José, a São Luís de Gonzaga etc. Com estas armas não poucos rompiam os laços quando eram presos, ou se defendiam para não serem atados.

Quando o guia se deu conta de que eu havia observado tudo, fez-me continuar o caminho bordado de rosas que, à medida que avançávamos, iam-se tornando mais raras, ao passo que começavam a se fazer notar enormes espinhos.

Chegamos a um ponto em que, por mais que olhasse, já não encontrava rosa alguma, e no final as sebes se haviam tornado só de espinhos, desfolhadas e secas pelo sol. Das moitas dispersas e ressecadas partiam galhos que serpenteavam pelo solo e impediam o caminho, semeando-o de tal maneira com espinhos que só com grande dificuldade se podia andar.

Havíamos chegado a uma baixada cujas ribanceiras ocultavam as demais regiões vizinhas; o caminho, sempre em declive, se tornava cada vez mais horrível, sem

pavimentação, cheio de buracos, degraus, pedras e rochas arredondadas.

Eis que no fundo desse precipício, que terminava num vale sombrio, apareceu um imenso edifício que exibia, diante de nosso caminho, uma porta altíssima, fechada. Chegamos ao fundo do precipício. Um calor sufocante me oprimia e uma densa fumaça esverdeada se elevava em torno das muralhas, marcadas por chamas cor de sangue. Levantei os olhos para ver a altura dos muros; eram mais altos que uma montanha. Perguntei ao guia:

- Onde é que nos encontramos? Que é isso?

- Lê naquela porta - respondeu - pela inscrição saberás onde estamos.

Olhei e vi escrito na porta: [onde não há redenção]. Dei-me conta de que estávamos na porta do Inferno.

De repente o guia recuou e, com o rosto entristecido e desfeito, fez sinal para que me afastasse, dizendo:

- Observa!

Assustado, voltei os olhos para trás e vi a uma grande distância, por aquele rapidíssimo caminho, alguém que caía precipitadamente. Conforme ia se aproximando, procurava fixar-lhe o rosto; afinal reconheci nele um dos meus jovens. Seus cabelos, em parte desordenados e eriçados, em parte lançados para trás por efeito do vento; seus braços, estendidos para adiante em atitude de quem nada para escapar do naufrágio. Queria parar e não podia. Tropeçava nas pedras salientes do caminho e elas mesmas serviam para dar-lhe mais impulso na queda.

Entrementes, o jovem, voltando a cabeça para trás e olhando com olhos esbugalhados para ver se a ira de Deus o perseguia, lançava-se ao fundo e ia chocar-se na porta de bronze, como se em sua fuga não pudesse encontrar melhor refúgio.

- Por que - perguntava eu - aquele jovem olha para trás com tanto espanto?

- Por que a ira de Deus atravessa todas as portas do Inferno e vai atormenta-los até em meio do fogo.

Muitos outros pouco a pouco foram caindo. Vi cair um pobrezinho empurrado por um pérfido companheiro. Uns caíam sós, outros acompanhados; uns seguros pelo braço e outros soltos, ainda que bastante juntos uns dos outros. Todos levavam escrito na frente o seu pecado. Eu os chamava com grande aflição, enquanto caíam. Mas os jovens não me ouviam; retumbavam as portas infernais ao abrir-se, fechavam-se depois, e seguia-se um silêncio sepulcral.

Adentramos aquele estreito e horrível corredor. Corríamos com a velocidade do relâmpago. Em cada uma das portas interiores brilhava com tétrica luz uma inscrição ameaçadora. Quando terminamos de percorrê-lo, fomos parar num vasto e tenebroso pátio, em cujo o fundo via-se uma grossa e horrível portinha, como jamais vi igual, e nela estava escrita estas palavras: [Os ímpios irão para o fogo eterno]. Todas as paredes em volta estavam cheias de inscrições. Pedi permissão para o guia para lê-las, e me respondeu:

- Avontade.

- Então examinei tudo. Num lugar, vi

escrito: [Darei fogo a suas carnes para que queime eternamente]. [Serão atormentados dia e noite pelos séculos dos séculos]. [Aqui está o conjunto dos moles pelos séculos dos séculos]. E noutro [Aqui não há ordem, mas habita horror eterno]. [Eternamente estará subindo o fumo de seus tormentos]. [Não há paz para os ímpios]. [Clamor e ranger de dentes].

- Mas esses que ocorrem com tanta velocidade, não sabem que vem ter aqui?

- Oh, sim! Sabem que vão para o fogo! Foram avisados mil vezes, mas correm voluntariamente por causa do pecado, que não detestam e não querem abandonar, porque desprezaram e rechaçaram a misericórdia de Deus que incessantemente os chamava a penitência. Por isso a justiça Divina, provocada, os empurra, os insta, os persegue e não podem parar enquanto não chegam a este lugar.

.Ouvi que uns rugiam e choravam contorcendo-se; outros blasfemavam e imprecavam os santos. Aquilo tudo era um caos de vozes e gritos altos e confusos, pelo que perguntei ao meu amigo:

- Que dizem eles? Que estão gritando?

- Recordando a sorte de seus companheiros bons, vêm-se obrigados a confessar: [Nós, insensatos considerávamos uma loucura a vida que levávamos, e seu fim sem honra]. [Eis que foram contados no número dos filhos de Deus e sua sorte juntamente com a dos santos. Nós nos afastamos, pois, do caminho da verdade].

A recordação de todos e de cada um dos pecados não perdoados e sua justa condenação! A de terem tido mil remédios até mesmo extraordinários para se converterem ao Senhor, para serem perseverantes no bem, para ganharem o paraíso! A recordação de tantas graças prometidas, oferecidas e dadas por Maria Santíssima e não correspondidas! Terem podido se salvar com tão pouco esforço e perderem-se irremissivelmente para sempre! Lembrar-se de tantos bons propósitos feitos e não cumpridos! Ah! Bem diz o provérbio que o inferno está cheia de boas intenções não realizadas!

..... O guia me indicou um dos véus, sobre o qual estava escrito "Sexto Mandamento", e exclamou:

- A transgressão desse Mandamento é a causa da ruína eterna de muitos jovens.

- Mas não se confessaram?

- Sim, confessaram-se, mas os pecados contra a bela virtude, confessaram-nos mal ou calaram-nos por completo. Por exemplo, um que havia cometido quatro ou cinco desses pecados, confessou somente dois ou três. Há quem tenha cometido um só na meninice e sempre teve vergonha de confessá-lo, ou o confessou mal, ou não disse tudo. Outros não tiveram arrependimento nem propósito. Mais ainda: alguns, em vez de examinar sua consciência, estudavam o modo de enganar o confessor. E o que morre com tal resolução está disposto a ser do número de condenados, e assim será para toda a eternidade. Só os que, arrependidos de todo o coração, morrem com a esperança da eterna salvação, esses serão eternamente felizes.

E dirigindo-se a outra parte, levantou outro véu, sobre o qual estava escrito: [Os que

querem ficar ricos, caem na tentação e no laço do demônio].

- Por exemplo, alguns dos teus jovens têm o coração de tal maneira apegado a algum objeto material, que esse afeto os afasta do amor de Deus, e por isso faltam com caridade, a piedade, a mansidão. Não somente com o uso das riquezas se perverte o coração, mas também com o desejo delas, sobretudo se esse desejo ofende a justiça. Teus jovens são pobres, mas repara que a gula e o ócio são péssimos conselheiros. Há alguns que em seus lugares de origem se tornaram culpados de furtos significativos e, podendo, não penso em restituir. Há quem estuda a maneira de abrir com chaves falsas a dispensa; quem procura entrar no escritório do prefeito ou do ecônomo da casa; quem vai remexer as malas dos companheiros para roubar-lhes comestíveis, dinheiro ou livros para seu uso...

- Alguns se encontram aqui por se terem apropriado de objetos do vestuário, roupa branca, cobertores e colchas que pertenciam à rouparia do Oratório, para enviá-los a suas casas. Alguns, por terem causado voluntariamente danos graves e não os terem reparado. Outros, por não terem devolvido coisas que lhes haviam sido emprestadas; e alguns por terem retido somas de dinheiro que lhes haviam sido confiadas para que as entregassem ao superior..

E levantou outro véuSobre o véu estava escrito: [Raiz de todos os males]. E logo me perguntou:

- Sabes o que significa isso? Sabes qual é o pecado indicado por essa epígrafe?

- Parece-me que só pode ser o do orgulho.

- Não - respondeu.

- Mas sempre ouvi dizer que o orgulho é a raiz de todo o pecado.

- Sim, genericamente é; mas, em concreto, sabes qual foi o pecado que fez cair Adão e Eva no primeiro pecado, em consequência do qual foram expulsos do Paraíso terrestre?

- A desobediência.

- Precisamente; a desobediência é a raiz de todo o mal.

Tende em consideração que não vos contei estas coisas com todo o seu horror tal como as vi, e com a impressão que me fizeram, para não vos assustar demais.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA:

§1022 Cada homem recebe em sua alma imortal a retribuição eterna a partir do momento da morte, num Juízo Particular que coloca sua vida em relação à vida de Cristo, seja por meio de uma purificação, seja para entrar de imediato na felicidade do céu, seja para condenar-se de imediato para sempre. No entardecer de nossa vida, seremos julgados sobre o amor.

> A PURIFICAÇÃO FINAL OU PURGATÓRIO: §1030

"Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida a sua salvação eterna, passam, após a sua morte, por uma purificação para entrarem na alegria do céu.

§1031 A Igreja denomina purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no

Concílio de Florença e de Trento. Fazendo referência a certos textos da Escritura, a tradição da Igreja fala de um fogo purificador. No que concerne a certas faltas leves, deve-se crer que existe antes do juízo um fogo purificador, segundo o que afirma aquele que é a Verdade, dizendo que se alguém estiver pronunciado uma blasfêmia contra o Espírito Santo, não lhe será perdoada nem no presente século nem no século futuro (Mt. 12,31). Desta afirmação podemos deduzir que certas faltas podem ser perdoadas no século futuro.

§1032 Este ensinamento apóia-se também na prática da oração pelos defuntos, da qual já a Sagrada Escritura fala: "Eis por que ele (Judás Macabeu) mandou oferecer este sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado"(2 Mc 12,46). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos e ofereceu sufrágios em seu favor, em especial o sacrifício eucarístico, a fim de que, purificados, eles possam chegar a visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também as esmolas, as indulgências e as obras de penitência em favor dos defuntos: *Levemo-lhes socorro e celebremos sua memória. Se os filhos de Jó foram purificados pelo sacrifício de seu pai que deveríamos duvidar de que nossas oferendas em favor dos mortos lhes levem alguma consolação? Não hesitemos em socorrer os que partiram e em oferecer nossas orações por eles*".

> O Céu: §1023 Os que morrem na graça e na amizade de Deus, e que estão totalmente purificados, vivem para sempre com Cristo. São para sempre semelhantes a Deus, porque o vêem "tal como Ele é" (1 Jô 3,2), face a face.

§1024 Essa vida perfeita com a Santíssima Trindade, essa comunhão de vida e de amor com ela, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados, é denominada o "Céu". O Céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva.

§1025 Viver no Céu é "viver com Cristo". Os eleitos vivem "nele", mas lá conservam - ou melhor, lá encontram - sua verdadeira identidade, seu próprio nome.

§1026 Por sua Morte e Ressurreição, Jesus Cristo nos "abriu" o Céu. A vida dos bem-aventurados consiste na posse em plenitude dos frutos da redenção operada por Cristo, que associou à sua glorificação celeste os que creram nele e que ficaram fiéis à sua vontade. O céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados a Ele.

§1821 Podemos esperar, pois, a glória do céu prometida por Deus aos que o amam e fazem sua vontade. Em qualquer circunstância, cada qual deve esperar, com a graça de Deus, "perseverar até o fim" e alcançar a alegria do céu como recompensa eterna de Deus pelas boas obras praticadas com graça de Cristo. Na esperança, a Igreja pede que "todos ó homens sejam salvos" (1Tm 2,4). Ela aspira a estar unida a Cristo, seu Esposo, na glória do céu. *"Espera, ó minha alma, espera. Ignoras o dia e a hora. Vigia cuidadosamente, tudo passa com rapidez,*

ainda que tua impaciência torne duvidoso o que é certo, e longo um tempo bem curto. Considera que, quanto mais pelejares, mais provarás o amor que tens a teu Deus e mais te alegrarás um dia com teu Bem-Amado numa felicidade e num êxtase que não poderão jamais terminar".

> O INFERNO: §1033 Não podemos estar unidos a Deus se não fizermos livremente a opção de amá-lo. Mas não podemos amar a Deus se pecamos gravemente contra Ele, contra nosso próximo ou contra nós mesmos: "Aquele que não ama permanece na morte. Todo aquele que odeia seu irmão é homicida; e sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele" (1 Jo 3,14-15). Nosso Senhor adverte-nos de que seremos separados dele se deixarmos de ir ao encontro das necessidades graves dos pobres e dos pequenos que são seus irmãos morrer em pecado mortal sem ter-se arrependido dele e sem acolher o amor misericordioso de Deus significa ficar separado do Todo-Poderoso para sempre, por nossa própria opção livre. E é este estado de auto-exclusão definitiva da comunhão com Deus e com os bem-aventurados que se designa com a palavra "inferno".

§1034 Jesus fala muitas vezes da "Geena", do "fogo que não se apaga", reservado aos que recusam até o fim de sua vida crer e converter-se, e no qual se pode perder ao mesmo tempo a alma e o corpo. Jesus anuncia em termos graves que *"enviará seus anjos, e eles erradicarão de seu Reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade, e os lançarão na fogueira ardente"* (Mt 13,41-42), e que pronunciará a condenação: *"Afastai-vos de mim malditos, para o fogo eterno!"* (Mt 25,41).

§1035 O ensinamento da Igreja afirma a existência e a eternidade do inferno. As almas dos que morrem em estado de pecado mortal descem imediatamente após a morte aos infernos, onde sofrem as penas do Inferno, "o fogo eterno". A pena principal do Inferno consiste na separação eterna de Deus, o Único em quem o homem pode ter a vida e a felicidade para as quais foi criado e às quais aspira.

§1036 As afirmações da Sagrada Escritura e os ensinamentos da Igreja acerca do Inferno são um chamado à responsabilidade com a qual o homem deve usar de sua liberdade em vista de seu destino eterno. Constituem também um apelo insistente à conversão: "Entra pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. É muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à vida. E poucos são os que o encontram" (Mt 7,13-14): Como desconhecemos o dia e a hora, conforme a advertência do Senhor, vigiemos constantemente para que, terminado o único curso de nossa vida terrestre, possamos entrar com ele para as bodas e mereçamos ser contados entre os benditos, e não sejamos, como servos maus e preguiçosos, obrigados a ir para o fogo eterno, para as trevas exteriores, onde haverá choro e ranger de dentes.

§1037 Deus não predestina ninguém para o Inferno; para isso é preciso uma aversão voluntária a Deus (um pecado mortal) e persistir nela até o fim. Na Liturgia

Eucarística e nas orações cotidianas de seus fiéis, a Igreja implora a misericórdia de Deus, que quer "que ninguém se perca, mas que todos venham a converter-se" (2Pd 3,9): Recebei, ó Pai, com bondade, a oferta de vossos servos e de toda a vossa família; dai-nos sempre a vossa paz, livrai-nos da condenação e acolhei-nos entre os vossos eleitos.

ORAÇÃO DE CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA APARECIDA:

Ó Maria Santíssima, que em vossa querida imagem de Aparecida, espalhais inúmeros benefícios sobre todo o Brasil, eu, embora indigno de pertencer ao número de vossos filhos e filhas, mas cheio do desejo de participar dos benefícios de vossa misericórdia, prostrado aos vossos pés, consagro-vos o meu entendimento, para que sempre pense no amor que mereceis.

Consagro-vos a minha língua, para que sempre vos louve e propague a vossa devoção. Consagro-vos o meu coração, para que, depois de Deus, vos ame sobre todas as coisas. Recebei-me, ó Rainha incomparável, no ditoso número de vossos filhos e filhas. Acolhei-me debaixo de vossa proteção. Socorrei-me em todas as nossas necessidades espirituais e temporais e, sobretudo, na hora de nossa morte. Abençoi-me, ó Mãe Celestial, e com vossa poderosa intercessão fortalecei-me em nossa fraqueza, a fim de que, servindo-vos fielmente nesta vida, possa louvar-vos, amar-vos e dar-vos graças no céu, por toda a eternidade. Assim seja.

BIBLIOGRAFIA:

Bíblia Ave-Maria - <http://www.leiturabiblica.com.br/index.php?menu=curiosidade&id=171> - <http://www.cnbb.org.br/>
<http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/az.html#A>
<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/category/liturgia/>
<http://www.cot.org.br/igreja/o-sonho-de-dom-bosco-ceu.php>
[Faq Igreja Católica -Dom Helder Câmara-Origem de Finados](#)
[Livro: Rosário - a grande solução para os problemas de nosso tempo - Antonio Augusto Borelli Machado - Artpress Editora](#)
[Catecismo da Igreja Católica - Papa João Paulo II](#)



Informativo:

Instituto de Musica Santa Cecília
Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fone:
(19) 3241-7706

Instituto de Musica
Santa Cecília

Publicação e Edição:

Associação Filhos de Jesus e Maria
www.afjm.org.br

Tiragem: 150 exemplares